

# SÃO BRÁS DO SUAÇUÍ

## *NO CAMINHO DO OURO* *NO CAMINHO DA HISTÓRIA*

- Os Caminhos - Roteiros Documentados
- Viajantes do Século XIX
- D. Pedro I pernoita em Suassuhy
- O Município, População e Economia
- Bibliografia

Flaviano Pereira Trindade<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Funcionário do Banco Central do Brasil, licenciado para mandato eletivo (Art. 38 da Constituição Federal). Vereador (2000-2004 e 2004-2008), membro dos conselhos de cultura, de educação, e de alimentação escolar em São Brás do Suaçuí.

# Os Caminhos

## *Roteiros Documentados*

Flaviano Pereira Trindade

Dois séculos após o descobrimento do Brasil, “ocorreu o que um historiador denominou de o “ensimesmamento da América portuguesa”. A Colônia deu as costas ao litoral e começou a se entranhar sertões adentro”.<sup>2</sup>

Minas Gerais teve uma colonização tardia, provavelmente por falta de caminhos, por falta de rios navegáveis. Os tesouros que esta terra guardava não estavam tão disponíveis. Cadeias de montanhas os protegiam. Para se chegar até eles, antigas trilhas indígenas e rios tiveram que ser utilizados, até mesmo como fio condutor das entradas, cruzando-os de uma margem a outra quando necessário. Vêm daí os nomes de “Passa Quatro” e até de “Passa Trinta”.

*Destas Roças até o pé da serra afamada de Amantiqueira, pelas cinco serras muito altas, que parecem os primeiros muros que o ouro tem no caminho para que não cheguem lá os mineiros, gastam-se três dias até o jantar.*

*Daqui começam a passar o ribeiro que chamam de Passavinte, porque vinte vezes se passa e se sobe às serras sobreditas, para passar as quais se descarregam as cavalgaduras, pelos grandes riscos dos despenhadeiros que se encontram, e assim gastam dous dias em passar com grande dificuldade estas serras, e daí se descobrem muitas e aprazíveis árvores de pinhões, que a seu tempo dão abundância deles para o sustento dos mineiros, como também porcos monteses, araras e papagaios.*

*(Antonil, André João, Cultura e opulência do Brasil: texto confrontado com o da edição de 1711)*

Ao norte de Guaratinguetá uma depressão da serra da Mantiqueira, a garganta do Embaú (próximo a antiga cidade de Embaú – hoje, Cruzeiro, SP) facilitava naturalmente a transposição, o caminho teria curso forçado neste ponto. Por acaso ou necessidade o caminho

---

<sup>2</sup> Del Priore Mary - O livro de ouro da História do Brasil/Mary Del Priore e Renato Venâncio – Ediouro 2001

começava ali. Terminava o século XVII iniciava-se o XVIII. Nascia Minas Gerais, dois séculos após o descobrimento do Brasil.

Era o início, no tempo e no espaço, do **Caminho do Ouro**. E assim também foi chamado de Trilha Goianá, Estrada da Serra do Facão, Estrada Geral da Serra do Mar, Caminho da Serra, Caminho Marítimo-Terrestre. **Caminho Velho**.

E **Caminho Velho** ficou. Até seu trecho outrora chamado “caminho novo”, e que por São Brás do Suaçuí sempre passou, de **Caminho Velho** deve ser denominado. Para que não se confunda com o Caminho Novo, a picada entregue a Garcia Rodrigues, e que tomou o rumo para a capital na cidade do Rio de Janeiro, deslocada de Salvador, e assim mais próximo das Minas do Ouro, desses caminhos e do porto ao mar.

### **A que o caminho levava?**

A escravização do “índio” foi sua primeira motivação. Porém, com o ouro descoberto, a trilha acabou alargada, virou caminho e estrada, ligando Minas ao sul, ao mar, ao mundo...

A escravização do “gentio”, ou seja do “índio”, era o principal objetivo das incursões bandeirantes. A descoberta de ouro altera essa situação, levando-os a se fixarem na região das minas.

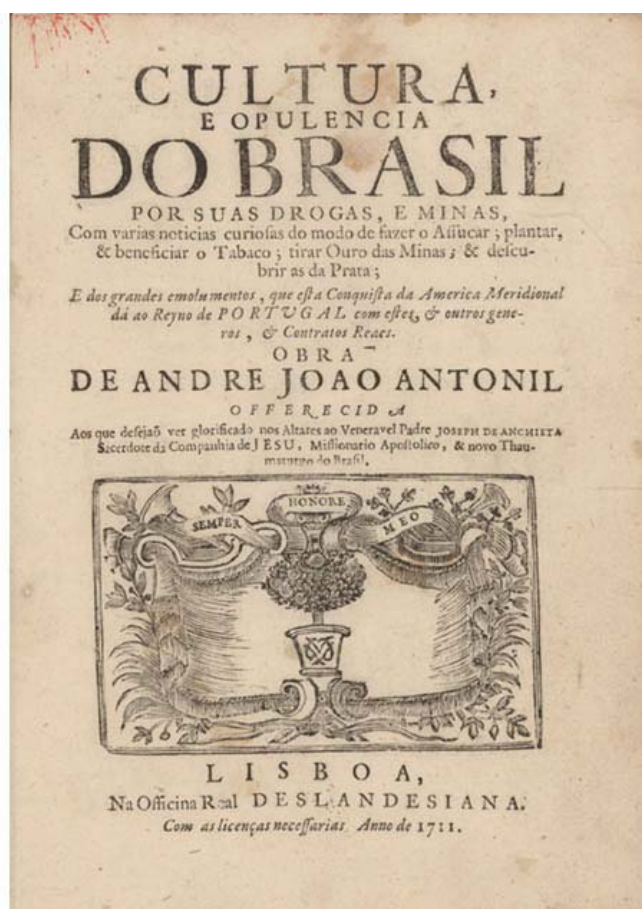
*Sucedeu que vindo os paulistas naquele tempo fazerem entrada ao gentio a estas partes para o conduzirem para São Paulo por negócio e se servirem dele, conduzindo os de menos idade por melhor se lhe domar e pôr doméstico, e chegando a primeira esquadra ou bandeira ao ribeiro que hoje chamam Ouro Branco e Congonhas do Campo, aí acharam algumas faíscas de ouro nas areias do ribeiro e, lavando-o em pratos de pau, o levaram para São Paulo, onde se verificou ser ouro.*

Fonte: Relação do princípio descoberto destas Minas Gerais e os sucessos de algumas coisas mais memoráveis que sucederam de seu princípio até o tempo em que as veio governar o Excelentíssimo Senhor dom Brás da Silveira (1750). FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida Figueiredo, e CAMPOS, Maria Verônica (Coords.) *Códice Costa Matoso*, vol. 1. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, p. 196

In Del Priore Mary - O livro de ouro da História do Brasil/Mary Del Priore e Renato Venâncio - Ediouro 2001

## Roteiros do caminho descrito por Antonil - 1711

O Caminho que ligava Minas ao Porto de Parati, Rio de Janeiro e a São Paulo tem descrição antiga, mas obviamente mais recente do que o próprio caminho. A primeira descrição que se conhece é a impressa no livro de André João Antonil “Cultura e Opulência do Brasil”, editado em 1711 em Lisboa. Tal livro, após sua publicação e a despeito de todas as licenças do Santo Ofício, foi confiscado e destruído.



Graças aos poucos exemplares salvos, foram possíveis diversas reedições. As descrições dos caminhos que levavam a Minas e ainda o relato do modo de produção do açúcar e do ouro foram prováveis motivos da censura.

**Roteiro do Caminho da vila de São Paulo para as Minas Gerais e para o rio das Velhas.**

*Gastam comumente os paulistas, desde a Vila de São Paulo até as minas gerais dos Cataguás, pelo menos dous meses, porque não marcham de sol a sol, mas até o meio dia, e quando muito até uma ou duas horas da tarde, assim para arrancharem, como para terem tempo para descansar e de buscar alguma caça ou peixe, aonde o há, mel de pau e outro qualquer mantimento. E, desta sorte, aturam com tão grande trabalho.*

*O roteiro de seu caminho, desde a Vila de São Paulo até a serra de Itatiaia, aonde se divide em dous, um para as minas do Caeté, ou ribeirão de Nossa Senhora do Carmo e do Ouro Preto e outro para as minas do rio das Velhas, é o seguinte, em que se apontam os pousos e paragens do dito caminho, com as distâncias que tem e os dias que pouco mais ou menos se gastam de uma estalagem para a outra, em que os mineiros pousam e, se necessário, descansam e se refazem do que hão mister e hoje se acha em tais paragens.*

*No primeiro dia, saindo da vila de São Paulo, vão ordinariamente a pousar em Nossa Senhora da Penha, por ser (como eles dizem) o primeiro arranco de casa, e não são mais do que duas léguas.*

*Daí, vão à aldeia de Itaquecetuba, caminho de um dia.*

*Gastam, da dita aldeia, até a vila de Moji, dous dias.*

*De Moji vão às Laranjeiras, caminhando quatro ou cinco dias até o jantar.*

*Das Laranjeiras até a vila de Jacaré, um dia, até as três horas.*

*De Jacaré até a vila de Taubaté, dous dias até o jantar.*

*De Taubaté a Pindamonhangaba, freguesia de Nossa Senhora da Conceição, dia e meio.*

*De Pindamonhangaba até a vila de Guaratinguetá, cinco ou seis dias até o jantar.*

*De Guaratinguetá até o porto de Guaipacaré, aonde ficam as roças de Bento Rodrigues, dous dias até o jantar.*

*Destas Roças até o pé da serra afamada de Amantiqueira, pelas cinco serras muito altas, que parecem os primeiros muros que o ouro tem no caminho para que não cheguem lá os mineiros, gastam-se três dias até o jantar.*

*Daqui começam a passar o ribeiro que chamam de Passavinte, porque vinte vezes se passa e se sobe às serras sobreditas, para passar as quais se descarregam as cavalgadas, pelos grandes riscos dos despenhadeiros que se encontram, e assim gastam dous dias em passar com grande dificuldade estas serras, e daí se descobrem muitas e aprazíveis árvores de pinhões, que a seu tempo dão abundância deles para o sustento dos mineiros, como também porcos monteses, araras e papagaios.*

*Logo, passando outro ribeiro, que chamam Passatrinta, porque trinta e mais vezes se passa, se vai aos Pinheirinhos, lugar assim chamado por ser o princípio deles; e aqui há roças de milho, abóboras e feijão, que são as lavouras feitas pelos descobridores das minas e pro outros, que por aí querem voltar. E só disto constam aqueles e outras roças nos caminhos e paragens das minas, e, quando muito, têm de mais algumas batatas. Porém, em algumas delas, hoje acha-se criação de porcos domésticos, galinhas e frangões, que vendem por alto preço aos passageiros levantando-o tanto mais quanto é maior a necessidade dos que passam. E daí vem o dizerem que todo o que passou a serra de Amantiqueira aí deixou dependurada ou sepultada a consciência. Dos Pinheirinhos se vai à estalagem do Rio Verde, em oito dias, pouco mais ou menos, até o jantar, e esta estalagem tem muitas roças e vendas de cousas comestíveis, sem lhe faltar o regalo de doces.*

*Daí, caminhando três ou quatro dias, pouco mais ou menos, até o jantar, se dá na afamada Boa Vista, a quem bem se deu este nome, pelo que se descobre daquele monte, que parece um mundo novo, muito alegre: tudo campo bem estendido e todo regado de ribeirões, uns maiores que outros, e todos com seu mato, que vai fazendo sombra, com muito palmito que se come e mel de pau, medicinal e gostoso. Tem este campo seus altos e baixos, porém moderados, e por ele se caminha com alegria, porque têm os olhos que ver e contemplar na prospectiva do monte Caxambu, que se levanta às nuvens com admirável altura.*

*Da Boa Vista se vai à estalagem chamada Ubaí, aonde também há roças, e serão oito dias de caminho moderado até o jantar.*

*Do Ubaí, em três ou quatro dias, vão ao Ingaí.*

*Do Ingaí, em quatro ou cinco dias, se vai ao Rio Grande, o qual, quando está cheio, causa medo pela violência com que corre, mas tem muito peixe e porto com canoas e quem quer passar paga três vinténs e tem também perto suas roças.*

*Do Rio Grande se vai em cinco ou seis dias ao rio das mortes, assim chamado pelas que nele se fizeram, e esta é a principal estalagem aonde os passageiros se refazem, por chegarem já muito faltos de mantimentos. E, neste rio, e nos ribeiros e córregos que nele dão, há muito ouro e muito se tem tirado e tira, e o lugar é muito alegre e capaz de se fazer nele morada estável, se não fosse tão longe do mar. Desta estalagem vão em seis ou oito dias às plantas de Garcia Rodrigues.*

*E daqui, em dous dias, chegam à serra Itatiaia.*

*Desta serra seguem-se dous caminhos: um , que vai a dar nas minas gerais do ribeirão de Nossa Senhora do Carmo e do Ouro Preto, e outro, que vai a dar nas minas do rio das Velhas, cada roçarias de milho e feijão, a perder de vista, donde se provêem os que assistem e levam nas minas.*

## **Roteiro do caminho velho da cidade do Rio de Janeiro para as minas gerais dos Cataguás e do rio das Velhas.**

*Em menos de trinta dias, marchando de sol a sol, podem chegar os que partem da cidade do Rio de Janeiro às minas gerais, porém raras vezes sucede poderem seguir esta marcha, por ser o caminho mais áspero que o dos paulistas. E, por relação de quem andou por ele em companhia do governador Artur de Sá, é o seguinte. Partindo aos 23 de agosto da cidade do Rio de Janeiro foram a Parati.*

*De Parati a Taubaté.*

*De Taubaté a Pindamonhangaba.*

*De Pindamonhangaba a Guaratinguetá.*

*De Guaratinguetá às roças de Garcia Rodrigues.*

*Dessas roças ao Ribeirão.*

*E do Ribeirão, com oito dias mais de sol a sol, chegaram ao rio das Velhas aos 29 de novembro, havendo parado oito dias em Parati, dezoito em Taubaté, dous em Guaratinguetá, dous nas roças de Garcia Rodrigues e vinte e seis no Ribeirão, que por todos são cinqüenta e seis dias. E, tirando estes de noventa e nove, que se contam desde 23 de agosto até 29 de novembro, vieram a gastar neste caminho não mais que quarenta e três dias*

## **Roteiro do caminho descrito por Francisco Tavares de Brito - 1732**

Os cristãos novos que desde o primeiro instante correram para as Minas na procura do ouro (preferência do povo judeu, na busca de bens de fácil transporte, na hipótese de alguma perseguição), ou mesmo para fugirem das fogueiras do Santo Ofício, organizavam roteiros para os que necessitavam fugir da Europa, ou para aqueles que visavam chegar às Minas do ouro e dos diamantes.



Em Londres, Lisboa e toda Europa divulgava-se às escondidas entre os judeus a propaganda do novo “Eldorado”. O trabalho elaborado pelo cristão novo Francisco Tavares de Brito, sem Licença Régia e nem do Santo Ofício, publicado clandestinamente pelo aparente tipógrafo, Antônio da Silva, nome de cristão novo, servia a esta propaganda. É de se notar a riqueza de detalhes do percurso, o que demonstra também o progresso da região no intervalo de tempo de vinte anos após a publicação de Antonil.

### **CAMINHO PARA AS MINAS, PARTINDO DE SANTOS.**



*Aqui se embarca em Canoa e se vai pousar ao pé da Serra do Cubatão; pela manhã se sobe a serra a qual hoje está, com capacidade para se chegar a sua altura, exceto em dois ou três passos, aonde é preciso apearem-se os caminhantes se senão querem ver em perigo; porque para qualquer parte que caírem, acharão precipício inevitável.*

*Em pouco mais de três horas, se vence a eminência daquela Serra; da qual se vê o mar, e a planície da terra, comunicada de transparentes e cristalinas águas de infinitos Rios, que servem para a vista de agradáveis, e lisonjeiros objetos.*

*A esta serra, e sua cordilheira, deram os primeiros habitantes o nome de Paranampiacaba, que significa na língua Geral do Brasil, lugar donde se vê o mar.*

*E prosseguindo a jornada se vai pernoitar no Rio dos Couros; e no outro dia se entra na Cidade até o meio-dia ou uma hora em jornada ordinária. Desta cidade (São Paulo) se parte para as Minas, e se passa pelas passagens seguintes:*

*Nossa Senhora da Penha (fazenda dos Padres da companhia; e se passa um Rio ao sair dela)*

*Vila de Magy (Mogi) (passa-se um Rio ao entrar),*

*Vila de Sucaray (Jacareí), (passa-se antes de entrar na vila o Rio de Paraíba em canoa)*

*Princípio de Capão Grande*

*Capela*

*Vila de Taubaté*

*Vila de Pindamonhangaba*

*Guaratinguitá (Guaratinguetá).*

*A esta vila também vem dar o caminho de Paraty, que chamam o caminho Velho; e que sai de Paraty vem ao*

*Bananal, Sobre a inacessível Serra e se descança na*

*Pareçam (Aparição).*

*Passa-se o Rio Pirapetinga, (que toma aqui o nome de Serranias por onde passa,) e logo depois se chama Paraíba do Sul, e se pernoita no sítio que também toma o nome do rio.*

*Afonso Martins, passa-se aqui o Facão (hoje Cunha - RJ), que é um carreirinho que se vai pelo alto de um cume, no qual apenas passa um cavalo ou passa um homem a pé, e se acaso declina para alguma das partes se precipita. Vai-se a encruzilhada, e se entra depois na*

*Vila de Guaratinguetá já dita e dela se parte para as Minas, passando-se em Canoa daí a breve distância o Rio Paraíba no sítio do*

*Aipacoré - e se prossegue o caminho das Minas*

*Sítios e Roças deste caminho*

*Em Baú passa-se um rio vinte vezes e por isso se chama Passa-Vinte.*

*Sobe-se a notável Cordilheira, ou Serra de Mantiqueira.*

*Passa-se outro rio trinta vezes, e lhe chamam o Passa-Trinta, e se vai ver o*

*Pinheirinho; daí a*

*Rio Verde,*

*Pousos Altos,*

*Boa Vista*

*Sobe-se um monte em cujo cume se dilata a vista circularmente pelos horizontes com igualdade, e sem obstáculo algum, ou estorvo de outro monte, que se oponha, em que da mostras da sua grande eminência; e se vai a*

*Caxambu. Aonde há um monte cuja fralda é lambida de todo o gênero de caça que ali vem gostar daquela terra por ser aprazível, se bem que muito salitrada.*

*Maypendi (Baependi),*

*Pedro Paulo,*

*Engay,*

*Fravituá,*

*Carrancas,*

*Rio Grande,*

*Tojuca,*

*Rio das Mortes Pequeno.*

*Entra-se na Vila de São João delRey no Rio das mortes. Desta Vila se vai para as Minas Gerais, em 5 ou 6 dias, por uma de duas estradas, ambas quase iguais, assim na extensão como nas comodidades e caminhos. Uma se intitula Caminho Velho; outra o Caminho Novo. A estrada velha se toma à mão direita, a estrada nova fica a mão esquerda; cujos sítios ou roças de uma e outra são as seguintes:*

**CAMINHO VELHO.**

*Logo que se sai da Vila de São João se passa em Canoa o Rio das mortes (se senão quer passar na ponte, de que se paga quarenta réis) e se vai ao*

*Callandaí (Carandaí),*

*Cataguases (Catauá),<sup>3</sup>*

*Camapoan*

<sup>3</sup> Não confundir com a cidade de Cataguazes fundada pela família Resende originária da Fazenda do Engenho de Catauá, no Município de Lagoa Dourada. Os mesmos Rezende (com “s” ou “z”) continuam presentes nesses distintos locais. (Nota (N) de Flaviano Trindade)

*Carijós (Conselheiro Lafaiete),  
Macabelo (próximo a Ouro Branco).  
CAMINHO NOVO.<sup>4</sup>  
Callandaí (Carandaí),  
Alagoa Dourada (Lagoa Dourada) (toma esse nome todo aquele terreno, usurpando-o da Lagoa vizinha),  
Camapoan<sup>5</sup> (Camapoã de Cima, atual Camapuã, pertence a Entre Rios de Minas, próximo a Olhos d'Água<sup>6</sup> e Serra do Camapuã),  
Redondo<sup>7</sup> (Alto Maranhão, distrito que pertence ao município de Congonhas)  
Congonhas  
Macabelo (próximo a Ouro Branco)<sup>8</sup>*

---

<sup>4</sup> Essa variante equivalendo-se em distância mais curta para Vila Rica, com certeza passou a ser predominante tão logo Ouro Preto firmou-se como principal centro minerador. Além do mais esse percurso foi amplamente utilizado por aqueles que vindo do Rio de Janeiro tomavam o percurso de Barroso, São José e São João d'El Rey com vistas ao percurso por cidades mais expressivas até chegarem no principal centro minerador de Ouro Preto. Há que se destacar que a ligação com São Paulo e Sul do Brasil até Ouro Preto deveria tomar esse mesmo rumo e vice versa. (N de Flaviano Trindade)

<sup>5</sup> Não confundir com Jeceaba que também se chamava Camapuã de Baixo ou Camapuã. Jeceaba é bem mais nova, vide a seguir Almeida Barbosa im Dicionário Hist e Geog de Minas Gerais: "JECEABA Na região de Camapuã, distrito de São Brás do Suaçuí, o Pe. Pedro Pinto inaugurou a capela a 5.3.1915. Ao redor da capela, formou-se o povoado de Camapuã, que foi elevado a sede distrital pelo Dec. Lei n. 148 de 17.12.1938. Através do decreto-lei 1058, de 31.12.1943, passou a ser denominada Jeceaba". (N de Flaviano Trindade)

<sup>6</sup> A capela de Olhos d'Água foi erigida, como filial da igreja de Prados, por provisão de 1733 (Cônego Trindade). Op.cit.

<sup>7</sup> O arraial do Redondo, dos mais antigos de Minas, surgiu no início do séc XVIII. No censo de 1831, tinha 1.077 habitantes. A Lei n.723, de 30.9.1918, mudou a denominação para Alto Maranhão.(Op. Cit.). O nome de Redondo, usado também para outras localidades no Brasil, provavelmente foi herdado da grande cidade de Redondo até hoje com o mesmo nome em Portugal. (N.de Flaviano Trindade)

<sup>8</sup> Esse nome Macabelo quer dizer cristão-novo judaisante e disposto a enfrentar o santo Ofício. Macabelo deriva de Macabeu (Lima Junior. A. A Capitania das Minas Gerais). Diz-se que depois havia na região um lugar chamado Mau Cabelo e hoje há o Bom Cabelo, há a Fazenda Bom Cabelo, provavelmente esses nomes foram sendo degenerados, e refiram-se ao mesmo local. (N. de Flaviano Trindade.)

lambida de todo o genero de caça que alli vem goftar daquelle terra; por ser aprazivel, se bem que muito salitrada.

Maypendi, Pedro Paulo, Engay, Fravituá, Carrancas, Rio Grande, Tojucá, Rio das mortes pequeno.

Entra-se na Villa de S. Joáo del Rey no Rio das mortes. Desta Villa se vay para as Minas Geraes em cinco ou seis dias por huma de duas estradas, ambas quasi iguaes, assim na extensão, como nas comodidades, e caminhos. Huma se intitula ò caminho Velho; outra o Caminho Novo. A estrada velha se toma a maõ direita, e a estrada nova fica a maõ esquerda; cujos sitios, ou Rôças de huma, e outra faõ as seguintes.

#### C A M I N H O V E L H O.

**L**Ogo que se sahe de Villa de S. Joáo se passa em Canoa o Rio das mortes. (se senaõ quer passar na ponte, de que se paga quarenta reis) e se vay ao Callanday, Cataguazes, Camapoan, Carijos, Macabello.

A 6

CA-

#### C A M I N H O N O V O.

**C**Allanday, Alagoa dourada (toma este nome todo aquelle Terreno, usurpando da Alagoa vesinha.) Camapoan, Redondo, Congonhas, Macabello.

*Paremas neste Citio, e façamos para elle ajornada pelo Rio de Janeiro.*

**P**Arte-se da Cidade do Rio de Janeiro em lancha, e se entra pelo Rio de Agoasfũ, e em huma marè se chega ao citio do Pilar; e daqui em canoa pelo Rio a cima se vay ao Couto. Aqui se monta a cavallo, e se segue jornada a Taquarufũ ao pè da boa vista. Sobese a Serra, com bastante trabalho. Do mais eminente da estrada se vê o mar, os Rios, e aplanicie da Terra. Em reciproco comercio goza aqui a vista de hum famoso espectaculo: e proseguindo a jornada fica a maõ esquerda hum monte innaccessivel taõ redondo, e igual, que parece ser feito ao torno. He todo de pedra, e por huma banda da sua falda, vay

*Paremos neste sítio, e façamos para ele a jornada pelo Rio de Janeiro.*

*Parte-se da Cidade do Rio de Janeiro em lancha, e se entra pelo Rio de Aguaçu e em uma maré se chega ao sítio do*

*Pila; e daqui em canoa pelo rio acima se vai ao*

*Couto. Aqui se monta a cavalo e se segue jornada.a*

*Taquaruçu, ao pé da Boa Vista, Sobe-se a serra com bastante trabalho. Do mais eminente da estrada se vê o mar, os rios e a planície da terra. Em recíproco comércio, goza aqui a vista de um formoso espetáculo e prosseguindo a jornada fica à mão esquerda, um monte inacessível tão redondo e igual (Pico do Couro) que parece feito no torno. É todo de pedra e por uma banda de sua fralda vai a estrada, deixando a sua agigantada eminência e muito atrás os Atlantes e Olispos. Ao pé da serra, da parte do*

*Silvestre,*

*Bispo,*

*Governador,*

*Alferes,*

*Rocinha,*

*Pau Grande,*

*Cabaru (Cavarumirim)*

*Cavaruaçu*

*Dona Maria, Dona Maria, Dona Maria,*

*Dona Maria - Tacuruia,,*

*Dona Maria - Paraibuna,.*

*Passa-se aqui o rio desse nome, e aqui está o Registro.*

*Rocinha do Araújo,*

*Contraste,*

*Cativo,*

*Medeiros,*

*José de Souza,*

*Juiz de Fora,*

*Alcaide-Mor, Alcaide-Mor,*

*Antônio Moreira,*

*Manuel Correia*

*Azevedo,*

*Araújo,*

*Gonçalves, Gonçalves.*

*Pinho,*

*Bispo. Aqui se sobe a grande cordilheira da Mantiqueira.*

*Rocinha.*

*Coronel (Domingos Rodrigues da Fonseca Leme) .( Borda do Campo)*

*Registro; aqui se paga de cada carga de seco uma oitava, e molhado meia oitava. E quem quer ir para a Vila de São João Del Rey, toma uma estrada à mão esquerda e vai ao Sítio do Barroso e em outra jornada pode chegar à dita vila. E vamos prosseguindo nosso caminho das Minas Gerais.*

*José Rodrigues,*

*João Rodrigues,*

*Alberto Dias,*

*Passagem,*

*Ressaca (Ressaquinha),*

*Caranday,*

*Outeiro,*

*Os Dois Irmãos,*

*Galo Cantante,*

*Rocinha,*

*Amaro Ribeiro,*

*Carijós (Queluz, Conselheiro Lafaiete)*

*Macabello. Passa-se aqui o*

*Rodeo (Rodeio), isto é, que se rodeia uma Serra a que chamam Ititiaya (Serra de Itatiaia, hoje Serra do Ouro Branco).*

*Ilhéus,*

*Lana. Daqui toma-se a mão esquerda quem quer ir caminho direto para Vila Real e se vai pela Cachoeira à vista da Casa Branca, buscar a passagem do Gravato; e prosseguindo o caminho das Minas Gerais, do Lana se vai a*

*Três Cruzes e daí a*

*Tripuí que fica uma légua de*

*Vila Rica, e logo se entra nela para se passar daqui a Vila Real, se torna pelo Tripuí as três Cruzes, e pela Bocaina; por qualquer de três estradas se avista da Casa Branca buscar a passagem do Garavato, e daí se toma mão esquerda, pelo Curralinho, e Rapozos e se entra as mais vilas de sua comarca".*

*Sobre Vila Rica escreveu Tavares de Brito em 1730:*

*"Entre montanhas de imensa altura e delas rodeada em forma que a vista se não pode estender por quebrada alguma, se levantou esta vila e suposto que abatida pela profundidade em que está situada a maior parte dela, é mais soberba e opulenta que todas, assim pela frequência dos comerciantes, como pela fiança das suas minas, mormente da inacessível serra desta tapanhuacanga, em cujas fraldas se encontra e descansa, a qual serra é um Potosi de ouro. Mas por falta de água no verão não enriquece a todos os que nela mineram, suposto que os remedeia. E esta vila falta de tudo o que depende de agricultura, assim que todo o mantimento lhe vem dos já ditos campos, por distância de três, quatro, cinco léguas."*

*E como Vila do Carmo ali estava vizinha, com poucas horas de viagem, Tavares de Brito, nos dá notícia nestes termos: "Está situada em altura de vinte graus e quinze minutos. É de clima favorável para todo gênero de plantas, mas não tem em si, o milho e o feijão que lhe baste e grande parte de mantimentos lhe vem dos campos da Cachoeira, Curralinho e Casa Branca, conduzida em cavalos, distância de cinco, seis sete léguas. Está fundada em sítio alegre. Assim do ribeirão como serra, se tem tirado bastante ouro, mas em forma que tenha conta só a quem a Providência Divina permite, a assim, em todas as mais minas é o mesmo."*

**Trajetos Rio de Janeiro / Guaratinguetá segundo descrito por Martin Lopes Lobo de Saldanha, governador da capitania de São Paulo em carta ao Vice-Rei Marquês de Lavradio de 21 de junho de 1775 e mapa feito por ordem do Vice-rei Conde de Cunha em 1767.**

*Rio de Janeiro - saída*

*Fazenda de João Alves - parada e missa*

*Fazenda do Coronel Gregório de Moraes - pernoite*

*Sepetiba - embarque em canoa*

*Ilha das Pescarias - passagem*

*Paracucá - pernoite*

*Mangaratiba, Sítio das Cruzes - pernoite*

*Ilha Grande - passagem*

*Gipoya - pernoite*

*Paraty - descanso e pernoite*

*Fazenda do Souza - pernoite*

*Registro do Boqueirão do Inferno - passagem*

*Marco da Boa Vista do Campo - passagem*

*Pouso Aparição - pernoite*

*Freguesia do Facão (atual Cunha) - missa e pernoite*  
*Parahytinga (atual São Luiz do Paraitinga) - parada e missa*  
*Rocinha - pernoite*  
*Guaratinguetá - chegada*

**Trajetos Guaratinguetá / Vila Rica mapa realizado a mando do 4º Capitão General e Governador das Minas Luiz Diogo Lobo da Silva (entre 1763 e 1768) e Affonso de Taunay (1927).**

*Guaratinguetá - saída*  
*Guaipacaré - (depois Vila de Nossa Senhora da Piedade, hoje Lorena onde ficavam as famosas roças de Garcia Rodrigues)*  
*Registro (Piquete)*  
*Conceição do Embaú - (Cruzeiro)*  
*Passa Vinte - (Passa Quatro)*  
*Pinheirinhos*  
*Pouso Alto*  
*Rio Verde - (Conceição do Rio Verde)*  
*Boa Vista - (Perto de onde hoje está Caxambu)*  
*Ingaí - (bifurcação existente na estrada atualmente em Cruzília)*  
*Grambú - (Santana do Garambeu)*  
*Rio Grande - (Piedade do Rio Grande)*  
*São João Del Rey*  
*São José Del Rey - (ou S. J. do Rio das Mortes - atual Tiradentes)*  
*Bixinho - (distrito de Tiradentes)*  
*Prados*  
*Lagoa Dourada*  
*Tanque - (Fazenda do Tanque)*  
*Susuhi - (Suassuhy, hoje São Brás do Suaçuí)<sup>9</sup>*  
*Congonhas*  
*Ouro Branco*  
*Ouro Preto - Chegada*

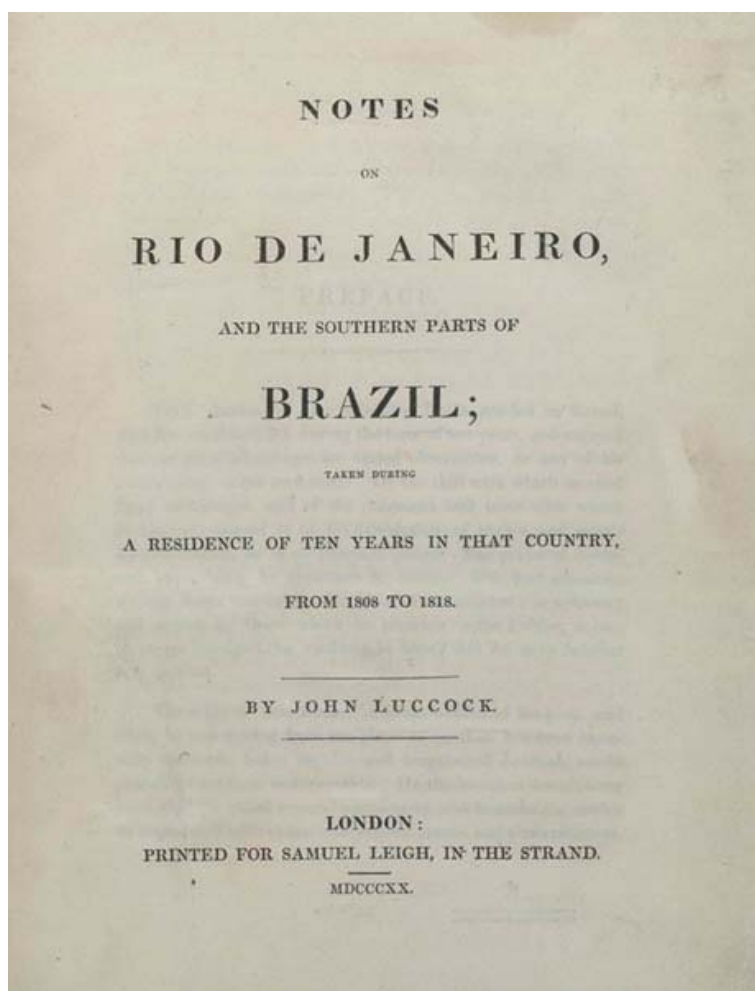
<sup>9</sup> A capela inicial teve seu patrimônio constituído por Armando de Souza da Guarda, conforme escritura de 13.4.1728. Cônego Trindade mencionou uma provisão para ereção da capela em 19.10.1753. O curato foi elevado à paróquia por lei n. 471, de 1.6.1850 (Almeida Barbosa Op.cit).



# Viajantes do Século XIX

Flaviano Pereira Trindade

Desde 1808, com a transferência da Família Real de Lisboa para o Rio de Janeiro, e com a abertura dos portos brasileiros ao comércio estrangeiro, cresceu fortemente o interesse da Europa pelo Brasil que, de Colônia, transformava-se em Reinado. Com isso, ilustres personalidades visitaram o país, passaram pelo caminho velho, e relatam sua passagem por Suassuhy, que era destaque nos mapas da época, e foi objeto de notas e referências em diversos livros.



**John Luccock**, comerciante inglês, que havia chegado ao Brasil em meados de 1808, em viagem que empreendeu por Minas, passando por Suaçuí em direção a São João d'el Rey, em seu livro "*Notes on Rio de Janeiro and the Southem Parts of Brasil*" Londres 1820

(Notas sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil)  
descreve:



*Suá-suí é uma povoação que fica em sítio sêco e exposto, contendo cêrca de cinqüenta casas dispostas à maneira dos jesuítas. Nenhuma delas era caiada, nem mesmo rebocada, prova de que estávamos penetrando em região de outros minerais. De novo aqui encontramos algumas manchas de terra amarela, resquícios do revestimento primitivo que mencionamos como provavelmente tendo já recoberto o cume da Mantiqueira.*

*O vendeiro do povoado informou-me de que na véspera, na estrada de Barbacena, havia passado à frente de um cavalheiro que por muitos meses estivera nos "sertões", ou florestas inhabitáveis, à cata de plantas. Exprimiu seu pasmo, com a naturalidade de seus apoucados conhecimentos, de que um homem se abalançasse da Europa, sômente a-fim-de reunir e levar para casa tais ninharias, perguntando-me se não possuíamos plantas em nossa própria terra e se converteríamos aquelas que colhíamos em mèzinhas.*

*Pelo que se disse desse estrangeiro, pensei que bem podia tratar-se do Sr. Sello, algo conhecido do público como botânico, ou, então, o Sr. Friesrice, outro viajante, que já enviou inúmeros espécimes da história natural para a Universidade de Upsala. Descobri mais tarde, que esse cavalheiro era dinamarquês, e não tinha relação nenhuma com nenhum daqueles. Levava consigo catorze bestas inteiramente carregadas de volumes que espero tenham alcançado Copenhague a são e salvo.*

*Pela madrugada, quando deixámos Suá-suí, a limpidez da atmosfera fazia com que avistássemos nitidamente objetos mui remotos. Erguia-se o Itacolomí para norte-nordeste e, para sudoeste, as montanhas que se esbatiam, descortinando extenso panorama. Estávamos evidentemente viajando pelas cabeceiras dos rios e transpusemos uns poucos regatos que caíam para norte e nordeste; mas a bacia maior ficava para sul e sudoeste.*

*Algumas das casas por que na estrada passámos, apresentavam aspecto de conforto e opulência; numa delas pedimos água, que nos foi hospitaleiramente concedida pela dona.*

*Tendo meu guia, conforme casualmente escutei, descrito a minha pessoa de maneira a tornar-me ridículo para ela, isto é, como de quem transpôs os mares, gastou seu dinheiro e submeteu-se à fadiga e privações sem outro propósito que pudesse ele descobrir a não ser o de pasmar ante a montanhas do Brasil, flunar pelos arredores de suas vilas e atirar passarinhos, acrescentou ainda, como que para definitiva prova de algo de fronteiro da aberração mental, que eu estivera em Vila-Rica e dali não trouxera nem ouro em pó nem jóias.*

*Em Olho d'Água, aldeia que conta com uma igrejinha sobre uma elevação, acha-se um Gameleiro, ou figueira brava, muito maior que o de Pampúlia, já descrito; desconfio, porém, que não se trata de uma árvore única e se o for não há dúvida de que constitue grande maravilha da natureza.*

*No decurso desse dia, notamos a freqüente ocorrência de quartzo e de granito fragmentado nuns poucos pontos baixos. Observamos, também que os regatos eram límpidos, considerando isso prova de já haverem escavado seu leito até os minerais sólidos, pois que de novo o solo se constituía de barro vermelho. O insólito número de estradas com que topamos, e das quais algumas traziam sinais de rodas, mostrava que a região era bastante populosa e o viajar freqüente.*

*Depois de avançar por vinte e cinco milhas com rumo sul, a jornada do dia terminou em Lagoa-Dourada.*



**Auguste De Saint-Hilaire**, naturalista francês que esteve no Brasil de 1816 a 1822, a 13 de fevereiro de 1818, passa por São Brás do Suaçuí e assim registra no seu livro *“Voyage dans le District des Diamans et sur le Littoral du Brésil”* Paris, 1833 (Viagem Pelo Distrito dos Diamantes e Litoral Do Brasil):

*Parti de Congonhas a 13 de fevereiro e, tendo atravessado o riacho do mesmo nome, achei-me na comarca do Rio das Mortes ou de São João d’El Rey, de onde não saí senão para seguir para a província do Rio de Janeiro. A região que então percorri pertence ao termo de Queluz (Conselheiro Lafaiete).*

*A uma légua de Congonhas do Campo acha-se a aldeia do Redondo, que segundo Pizarro é uma sucursal da paróquia Nossa Senhora da Conceição das Congonhas de Queluz.*

*Não me detive nessa aldeia; parei à margem do Paraopeba que se encontra a uma légua e meia de Redondo e que se atravessa por uma ponte de madeira.*

*O Rio Paraopeba nasce nas vizinhanças de Queluz e, após um curso de 60 léguas lança-se no S. Francisco, entre os rios Pará e Abaeté.*

*As margens do Paraopeba, na parte mais próxima de suas nascentes, são tidas como de grande fecundidade, sendo elas que fornecem uma parte de víveres que se vendem em Mariana, Sabará e na capital de Minas. “O distrito de Paraopeba, diz Eschwege, poderá ser chamado o celeiro de Vila Rica... Mas aqui, acrescenta o mesmo autor, o mineiro e o cultivador querem num só ano tirar de seu terreno tudo o que ele pode produzir; é esse um dos traços do caráter nacional. Encorajados pelo consumo de seus produtos, e vivendo a hora presente, os agricultores vizinhos de Paraopeba semeiam mais do que pode comportar a extensão de suas propriedades; o solo não tem tempo para produzir novas matas e, como nunca é adubado, desseca-se, esgota-se... e campos fecundos se transformam logo em carrascal de samambaias e gramíneas de má qualidade. Tal é o estado em que se encontra hoje a maior parte da região que se trata.*

*A cerca de uma légua da ponte de Paraopeba passei pela aldeia de Suaçuí, que, como a do Redondo é uma dependência da paróquia de N. Sa. da Conceição de Congonhas de Queluz. Essa aldeia apresenta uma larga rua, por onde passa a estrada e pertence quase inteiramente a lavradores da vizinhança que aí vêm aos domingos, sendo portanto pouco movimentada nos dias de serviço*

*Havia feito 4 léguas, depois da ponte do Paraopeba, quando parei na venda de Camapoã....*



**R Walsh**, (que segundo Manuel Bandeira no seu “Guia de Ouro Preto” passa por ter injuriado o prestígio britânico no Brasil, tais coisas espalhou de nós), em seu diário de viagem “*Notices of Brazil in 1828 and 1829*” Londres, 1830, nos relata:

*Mais além, passamos por extensos pastos onde se viam numerosas éguas e potros.*

*Foi a primeira vez que vimos uma extensão de terras naquela região reservada para pastagem - e pelas boas condições físicas dos animais parecia que o lugar era perfeitamente apropriado para esse fim.*

*Por volta do meio-dia chegamos a um lugar que tinha o curioso nome de Olhos d'Água.*

*Em português, essas palavras significam fonte ou nascente. De fato, há uma nascente de água puríssima nas proximidades.*

*O rancho, situado no alto de um morro, era miserável, embora tivesse a emoldura-lo de um lado uma bonita igreja e do outro uma majestosa figueira, que havia escapado à devastação geral feita por lenhadores e se elevava como um nobre ornamento no alto do morro desnudo.*

*Não conseguimos arranjar milho para nossos cavalos, e Patrício teve de descer o morro até a casa do vigário, para compra-lo. O vigário, como sucedia em outras paróquias, era o principal fornecedor, ao povo do lugar, dos gêneros de primeira necessidade, que ele próprio cultivava e produzia em suas terras.*

*Dali avistamos a Serra de Capa Boa, que se estendia de leste a oeste e formava mais uma das grandes barreiras que se elevavam no meio dos descampados como imensas muralhas, dividindo-os em vastos campos fechados. Pouco depois chegamos a fazenda do Mendonça, cujas dependências eram tão numerosas que lhe davam a aparência de um arraial. As casas se aninhavam entre as árvores, e as encostas dos morros ao redor estavam cobertas de plantações de milho e cana, de um verdor exuberante.*

*Coleando pelas terras da fazenda, num leito forrado de seixos, corria um rio de águas límpidas; o aspecto geral do lugar era particularmente aprazível.*

*Era uma dessas encantadoras paisagens que surgem repentinamente, no Brasil, diante dos olhos do viajante, quebrando a monotonia das solidões que o cercam.*

*Essa parte de Minas Gerais parece bem despovoada. Em dois dias de viagem não encontramos – com duas únicas exceções – um só tropeiro, nem mesmo uma fazenda.*

*Em lugar desses agradáveis indícios da existência de civilização e convívio social, os campos pululavam de cruces fincadas em toda parte, que me pareciam tão numerosas como as que eu encontrara em Wallachia.*

*Verificamos também que ali elas não indicavam locais de assassinatos; algumas, erguidas por diferentes fazendeiros, indicavam os limites de suas terras, já que os devotos brasileiros consideravam a cruz o melhor símbolo que poderiam usar em qualquer ocasião.*

*Uma delas indicava uma morte súbita, ainda que natural: um mulato, ao subir um morro carregando um fardo, sofreu um derrame e morreu no local marcado pela cruz.*

*Apenas uma indicava assassinato e roubo. Um homem saíra de Lagoa Dourada levando no bolso o produto das minas, tendo sido seguido por outro, que sabia desse fato; quando este o alcançou, esfaqueou-o e o roubou.*

*Foi esse o único exemplo que encontramos de uma cruz indicando assassinato e roubo. E mesmo aí, o culpado foi o causador de todos os crimes na região – o ouro.*

*Ao cair da noite chegamos ao arraial de Sua Suci.*

*Trata-se de um lugarejo comprido e espalhado, situado num morro, com cerca de quarenta casas miseráveis e sujas; possui, contudo, duas igrejas brancas, que o tornam visível de longe.*

*Paramos numa espécie de estalagem mantida por um senhor idoso que todos chamavam de major; tinha uma longa barba grisalha e era tão prestimoso que não nos deixou sozinhos um segundo sequer.*

*Sabia uma porção de lendas sobre os paulistas na época em que haviam descoberto a região - fato esse de que ele quase poderia ter sido contemporâneo.*

*Falou-nos que o nome "Sua-suci" significava, no dialeto da província, "grande viagem e pequena viagem", sendo a seguinte a sua origem: dois grupos rivais de aventureiros, um de Taubaté, outro de Piratininga, desejando por fim às suas disputas resolveram estabelecer certas fronteiras.*

*Com esse propósito os dois grupos partiram de rumos opostos e vieram caminhando na direção um do outro, tendo ficado combinado que o local onde os dois se encontrassem seria aceito como o limite das terras de ambos.*

*Um dos grupos viu-se forçado a dar uma longa volta, ao passo que o outro veio de uma estrada direta; o encontro dos dois ocorreu naquele lugar, dando assim origem a seu nome.*

*Essa é uma variação da história de Sallust - arae Philenorum - embora eu não tenha observado qualquer indício de cultura clássica no major.*

*Fomos informados, por outras pessoas, de que sua-suci, ou sussuy, era o nome de um grande pássaro existente outrora nessa região, mas cuja espécie já se tornara extinta.*

*O lugarejo parecia ter tido mais importância no passado do que agora. A estalagem tinha nada menos do que quatro camas, um número muito maior do que havíamos encontrado em qualquer outro lugar. Eram feitas de couro de boi fortemente esticado sobre uma armação de madeira, e se mostravam não só tão elásticas mas também tão sonoras como um tambor.*

*O velho major era um dos muitos exemplos da notável salubridade da região, tendo preservado a saúde e o vigor até uma idade avançada. Tinha mais de noventa anos e uma penca de filhos à sua volta, não havendo o mais velho completado ainda dez anos.*

*Os relâmpagos e trovões continuaram pela noite adentro, acompanhados de uma chuva torrencial; nossa esperança era que, tendo assim descarregado toda a sua força, estaríamos livres deles ao amanhecer o dia.*



*Antes de partirmos, uma velha negra, que nos servira, aproximou-se de mim e, depois de olhar cautelosamente à sua volta para ver se era observada, juntou o polegar e o indicador, formando com eles um círculo. Percebendo que eu não entendia o significado desse seu gesto, ela correu novamente os olhos ao redor e em seguida levou um dedo à boca e se pôs a masca-lo. Compreendi então que ela queria dinheiro para comprar fumo; dei-lhe uma moeda de cobre, que ela recebeu com alegria, escondendo-a cuidadosamente no cinto. Não é costume no país dar dinheiro aos serviçais, que são sempre escravos e costumam utiliza-lo – ao que se diz – unicamente para comprar cachaça, o que é inteiramente condenado por seus amos. Entretanto, não conheço nenhuma outra classe que seja mais merecedora dessas pequenas dádivas do que a dos escravos. Muitos deles, segundo fui informado, guardam esse dinheiro, juntando-o para comprar a sua liberdade. Uma pequena parcela das quantias desperdiçadas com os insolentes criados ingleses representaria uma importante aquisição para esses pobres, humildes e prestimosas criaturas.*

*Deixamos o venerável patriarca sentado em sua varanda, com um menino e uma menina em seus joelhos, sendo ele o pai dos dois, embora parecesse haver um intervalo de três gerações entre eles.*

*Após uma hora de viagem chegamos ao Paraopeba, um rio caudaloso que vai coleando através de terras planas e baixas, que se espraiam em vastas campinas dos dois lados. É raro ver isso, já que as terras que margeiam os rios no Brasil costumam formar íngremes barrancos à beira deles. Tanto de um lado quanto de outro do rio, as terras eram povoadas e cultivadas. Fomos informados de que os moradores do lugar tinham esgotado seus recursos na busca do ouro, acabando por abandonar essa atividade; por pura necessidade, haviam voltado sua atenção para a agricultura. Essa era a razão por que não encontramos uma única lavra em dois dias de viagem, tendo, ao contrário, visto muitas fazendas bem cultivadas.*

*Às dez da manhã chegamos ao arraial de Redondo. A palavra arraial, nome por que são conhecidas as aldeias do interior do país, significa acampamento, tendo sido primitivamente a denominação dada aos postos que os europeus fortificavam para se defenderem dos índios.*

*Verifiquei que eles geralmente se localizam no alto de um morro, de onde é possível observar as terras ao redor, facilitando a defesa em caso de ataque.*

*Redondo parece ser um arraial antigo, que já teve melhores dias. Uma parte da rua é pavimentada, tendo uma larga calçada feita de lajes de pedra. No momento, o lugarejo conta apenas com umas poucas casas de taipa. Não obstante, possui uma igreja e é rodeado de viçosas plantações de cana e banana.*

A 18/1/1835 em “Brazil, Account of a Journey in Brazil in 1833-35” (Viagem de um Naturalista Inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (1833-1835)) Charles James Fox Bunbury anota:

*Finalmente partimos e em breve travessamos o Rio Paraopeba, uma dos principais afluentes do grande Rio São Francisco; é nesse ponto um rio algo tanto largo e veloz de cor avermelhada-escuro, e é atravessado por uma ponte de madeira bem conservada.*

*Não longe daqui observei, nas terras elevadas, uma considerável quantidade de quina-do-campo, que é muito usada como um sucedâneo da casca peruana, que, aliás, pertence ao mesmo gênero.*

*É um arbusto de quatro a seis pés de altura, com poucos galhos e grandes folhas duras e encolhidas, crescendo em grupos de três, e longos cachos de lindas flores brancas, cheirosas, parecidas com jasmim; tinha guardado algumas sementes, em setembro do ano anterior, perto de Caeté, onde me havia sido mostrada por um senhor brasileiro, como uma bem conhecida e preciosa planta medicinal, superior em eficácia à quina-do-mato, que mencionei em outro lugar. Foi M. Auguste St. Hilaire que primeiro a fez conhecida no mundo científico.*

*Este dia e os três seguintes foram intensamente quentes e estávamos expostos ao calor ardente do sol nos campos, onde em geral não existem árvores suficientemente grandes para proporcionar qualquer sombra considerável.*

*Torna-se desnecessário descrever o aspecto geral da região, pois é semelhante à entre Ouro Preto e Barbacena, fazendo parte, aliás, da mesma vasta área de campos ou vales espaçosos, os quais (como fui informado em Gongo Soco pelo já mencionado naturalista russo) se estendem através de toda a parte sul da Província de Goiás e até mesmo Cuiabá, em Mato Grosso, mais de 10 graus a oeste de Barbacena, tendo em toda parte os mesmos característicos gerais e uma vegetação própria.*

*Parei no dia 17 em Saçuí. O dia seguinte era domingo e vi o povo de Saçuí indo para a igreja com suas melhores roupas; as mulheres envoltas (apesar do grande calor) em compridos mantos escuros e, na maior parte, trazendo um lenço de xadrez enrolado à volta da cabeça e sobre este um chapéu preto redondo; os homens usavam casacos brancos ou de outras cores claras, ou às vezes ponchos azul-escuros. Devo observar que os brasileiros, pelo menos os mineiros, parecem ser mais cuidadosos com os seus trajes do que com qualquer outra coisa; por mais pobres que sejam as suas habitações e a sua comida, andam em geral bem e elegantemente vestidos.*

*Em caminho de Saçuí para Olhos d'Água encontramos muitas pessoas de ambos os sexos montadas a cavalo, às vezes um homem e uma mulher no mesmo cavalo. O traje mais comum, dos homens, para andar a cavalo, consiste num chapéu de palha de aba grande, um casaco curto de algum tecido leve, bombachas brancas ou azul escuras, e botas de couro castanho, que vão até acima dos joelhos, e são aí presas por uma tira com uma fivela. Uma faca comprida é geralmente metida na parte de cima de uma das botas e um par de pistolas aparece no coldre da frente da sela. Os mineiros são, na maior parte, altos e magros, de rosto fino e têm a tez morena, olhos e cabelos muito pretos. As mulheres, como já observei, usam botas e esporas e andam montadas como os homens.*

*Perto da miserável venda de Olhos d'Água, notei uma figueira silvestre (Gameleira), de grande tamanho; aliás creio que nunca mais vi uma árvore com um tronco tão grosso, ou de tão grande extensão de galhos, se bem que sua altura não fosse digna de nota. Numerosos piriquitos verdes chilreavam entre seus galhos.*

*Nesta parte da viagem fiquei muito surpreendido com a aparente escassez de vida animal nos campos; viam-se poucos insetos, quase nenhum pássaro, exceto o abutre preto, ou urubu e, que mais me espantou, nenhuma lagartixa. Diversas cobras, porém, expunham-se à luz do sol. Um capim alto, bastante parecido com a aveia silvestre, e um cardo carregado de flores brancas, são abundantes nos campos, e o Paratudo, com suas flores cor de fogo, caindo perto do chão, atraem a vista à certa distância. As árvores baixas que se encontram espalhadas aqui e ali, ficam muitas vezes inteiramente cobertas de um musgo branco fibroso e pendente que lhes dá uma curiosa aparência. Em algumas partes dos campos, essas árvores estão naturalmente distribuídas de tal forma a parecer um pomar, em outras partes encontram-se somente nos vales, onde formam bosques de pequena extensão; raramente têm mais de vinte pés de altura e muitas vezes mesmo, têm os galhos recurvados, a casca muito áspera e freqüentemente uma folhagem cor de cinza ou esbranquiçada.*

*Encontrei bem boas acomodações em Lagoa Dourada, uma pequena aldeia nas encostas de uma colina, que possuiu outrora muito ricas lavagens de ouro.*

Em 1867, Richard Francis Burton, em seu livro “Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho” (*Explorations of the Highlands of the Brazil*) assim descreve:

*Galgamos, então, uma montanha, em cujo alto se espalham caminhos de terra vermelha, numa largura de mais de um quarto de milha.*

*Havia no alto uma casa isolada, mas ao lá chegarmos, tivemos a surpresa de encontrar Suaçuí, uma rua com cerca de trezentas casas, ladeada por faixas de calçamento grosseiro, para impedir o barro vermelho de ser levado pelas enxurradas.*



*A direção é leste-oeste, e as casas têm jardins e pomares nos fundos. No meio da parte mais baixa do logradouro, fica a Matriz de São Brás, sobre um adro elevado de pedra, duas torres com um par de sinos e uma fachada restaurada e copiosamente caiada. As mulheres vestiam jaquetas de baeta vermelha, a roupa favorita do inverno, e as crianças se escondiam atrás das portas, enquanto passávamos.*

*O Sr. Antônio José Cardoso, do Hotel Nacional, forneceu-nos água quente, toalhas limpas e um bom almoço, de que estávamos bem precisando.*

*Às onze horas, tornamos a montar e enfrentamos o sol quente, depois do frio e da umidade da manhã. Galgamos uma subida e chegamos à Capela de Nosso Senhor dos Passos e à escola da aldeia, e dali avistamos uma bela paisagem, coisa que iria repetir-se de então para diante. A estrada é muito ruim, atravessando uma série de ondulações do terreno, separadas por córregos que alimentam o Paraopeba.*

*Menos de uma hora mais tarde, atravessamos a ponte sobre aquele rio, cujas águas são vermelhas, devido à lavagem do ouro; mesmo depois de desaguar no São Francisco, conserva, segundo dizem, seu colorido durante uma certa distância. Perto da Fazenda do Coronel Luiz Gonzaga, encontramos uns doze ciganos, todos do sexo masculino, e descansando, sem barraca, enquanto seus animais pastavam o capim da beira da estrada. Esses misteriosos vagabundos são raros em São Paulo e numerosos em Minas, onde são vendedores de cavalos e ladrões de galinhas, como em todos os outros lugares, de Kent à Catalunha. São, evidentemente de raça diferente daqueles, e seus cabelos longos e ondulados são a primeira coisa que se nota.*

*Reservei para outro volume informações imparciais sobre o "cigano" brasileiro – objeto de medo, antipatia e superstição por parte do povo.*

*Depois de atravessarmos o Córrego Piquiri, encontramos terras muito melhores, que produzem várias espécies de mandioca, uma de cujas variedades, a mandioca rosa, amadurece aqui em cinco meses.*

*Há muitas encostas cobertas de grama (*Triticum repens*) e o mato é rico em uma Ciperácea, trepadeira que, misturada com o capim-gordura novo, dá uma excelente forragem. Essa planta é chamada, no Brasil, andrequiá, a "faca-de-andré", expressão híbrida, luso-indígena, que expressa bem sua capacidade cortante.*

*A estrada é margeada por giestas cobertas de flores amarelas, em profusão, o que faz o europeu lembrar-se de suas madresilvas. O povo a chama de flor-de-são-joão, porque é mais bonita no meio do inverno, quando as belezas florais são relativamente raras.*

*Com justiça, ela conquistou um lugar na poesia: “Outra engraçada flor que em ramos pende. (Chamam de flor-de-são-joão) Caramuru, vii, 36, diz Fr. José de Santa Rita Durão. Notáveis, também, são as pétalas alvíssimas e as compridas vagens verdes dos arbustos leguminosos de folhas fendidas (Bauhinia fortificata, o mororó dos índios), aqui chamados unha-de-boi, ou, como alguns preferem, unha- de- vaca. Outra bela planta é a poaia, uma espécie de ipecacuanha, a plantinha de perto do caminho que embeleza com suas florinhas vermelhas e amarelas. Observei aqui que os africanos nascidos no Brasil conservaram o costume de sua terra de marcar o caminho errado com um graveto atravessado no chão.*

*A aldeiasinha de Redondo tem uma capela consagrada a Nossa Senhora da Ajuda e, melhor ainda, uma bela perspectiva. Depois do primeiro plano, formado pela mata e pelo capim muito verde, cobrindo o solo de um ocre quase roxo, aqui chamado sangue-de-boi, vem uma depressão, que se levanta do outro lado, junto do sopé de um elevado rochedo. Essa cadeia, que se estende, com relação à nossa posição, para o leste e o norte, é chamada por alguns de Serra de Deus te Livre, sem dúvida por causa dos perigos de sua travessia. É mais geralmente conhecida como Serra do Ouro Branco, nome de uma cidade que fica na estrada real – cuja linha branca avistávamos serpenteando entre as ravinas – entre Barbacena e Morro Velho. O maciço continua a ser avistado, mas uma elevação do terreno escondia a cidade de nossos olhos.*

# **Dom Pedro I em São Brás do Suaçuí**

Flaviano Pereira Trindade

Octavio Tarquínio de Souza na sua obra “A Vida de D. Pedro I” relata a segunda viagem de D. Pedro a Minas seguindo o percurso que passa por São Brás do Suaçuí, onde pernoitou a 25 de janeiro de 1831.

*A 29 de dezembro de 1830, pelas 8 horas da manhã, acompanhado por Dona Amélia e uma comitiva de dezesseis pessoas, inclusive o ministro do Império Silva Maia, deixou o Rio para fazer a viagem, de cujas vantagens políticas o convencera o ministro da Guerra, Conde do Rio Pardo.*

*As primeiras jornadas foram através de sítios e paisagens familiares, com o desembarque no*

*Porto de Estrela, a parada na fábrica de pólvora da raiz da serra e a chegada à*

*fazenda do Padre Correia, depois de percorrer as terras do Córrego Seco, de propriedade imperial.*

*Em seguida a um pernoite na fazenda do Secretário, deteve-se em “miúdo exame”, acerca da administração do posto do*

*Registro fiscal de Paraibuna. Prosseguindo, já em território mineiro passou pelas fazendas*

*Do Guarda-Mor,*

*Chapéu d’Uvas,*

*Rocinha de João Gomes, Boiada,*

*Fazenda de Manuel Vidal,*

*Registro Velho, de onde se dirigiu em passeio à*

*Vila de Barbacena, jantando na casa do vigário Antonio Marques de S. Paio. Seguiu para o Barroso e fazenda de José Francisco Pires. Onde pousou. E a excursão continuou por*

*São José do Rio das Mortes (Tiradentes),*

*São João d'El Rey, com visitas à chácara do Comendador João Batista Machado e às lavras da Sociedade Inglesa, Cachoeirinha, Lagoa Dourada, Olhos d'Água, Sassuí (São Brás do Suaçuí), Congonhas do Campo, Cachoeira, Rio das Pedras, Santo Antônio do Rio Acima, Morro Velho, Sabará, Caeté, Gongo Soco, Brumado, Nossa Senhora Mãe dos Homens (Caraça), Catas Altas, Inficionado, Mariana, Ouro Preto.*

As Ephemérides Mineiras (José Pedro Xavier da Veiga) narra com mais detalhes a passagem do imperador Dom Pedro I ao longo do caminho que passa por São Brás do Suaçuí. Aqui permaneceram por bastante tempo, ao chegarem às nove horas do dia 25 de janeiro de 1831, e saíram no dia 26, rumo ao famoso colégio de Congonhas.

*O imperador Pedro I, acompanhado pela imperatriz, pelo ministro do Império, conselheiro José Antônio da Silva Maia, e por várias pessoas mais da comitiva imperial, na sua segunda viagem a Minas, hospedou-se e pernoitou, com sua comitiva, em São Brás do Suaçuí, a 25 de janeiro de 1831. Assim está registrado nas Ephemérides elaboradas por José Pedro Xavier da Veiga: “... Partindo a 22 de S. João d'El-Rey, a comitiva imperial hospedou-se na fazenda da Cachoeirinha, propriedade do coronel Geraldo Ribeiro de Rezende, e na manhã de 23 seguiu para o arraial da Lagôa Dourada, duas leguas distante. Partindo cedo, a 24, da Lagôa Dourada, chegou às 9 ½ horas da manhã á fazenda dos Olhos d'Água, onde hospedou-se. A 25, tendo sahido de madrugada, a comitiva chegou pouco depois das 9 horas a Suassuhy. No dia 26 de Janeiro sahirão os Imperantes do arraial de Suassuhy e chegarão ao collegio de Mattosinhos de Congonhas do Campo ...”.(Ephemérides Mineiras de 29 de dezembro - volume VI)*



# O Município, População e Economia

Flaviano Pereira Trindade

O primeiro fato registrado na história do município constitui-se na doação de sesmaria por D. Brás Baltazar da Silveira, então Governador da Capitania de São Paulo e Minas, a João Machado Castanho, em 22 de dezembro de 1713, conforme a seguinte carta:

*Dom Braz Balthazar da Silveira faço saber aos que esta minha carta de Sesmaria virem que tendo consideração a me representar João Machado Castanho, morador da cidade de São Paulo que tendo elle Supp.<sup>te</sup> fabricado sitio em humas terras devolutas que estão no Caminho Novo que vem da Villa de São João d'El-Rey para estas Minas Gerais, na margem chamada **Suassuhy** deseja viver no dito sitio com a sua familia, para o que me pedia lhe fiseçe m.<sup>ce</sup> de algumas terras que ficão juntas ao dito sitio e visto o seu Requerimento e atendendo a que lhe mui conviniente que se povoem e cultivem as mesmas terras. Eu por bem fazer m.<sup>ce</sup> ao Supp.<sup>te</sup> em nome de Huma Legoa de terras em quadra na sobredita paragem, a qual para pião no sitio da Vivenda do Supp.<sup>te</sup> donde ocorrerá para todas as partes athe serrar o quadro da dita legoa com declaração que não prejudicará as terras que dentro della cultivarem quaesquer moradores os quais também não poderão alargar-se nem tomar mais terras que as que ao presente cultivão, e quando o supp.<sup>te</sup> tenha direiro para expulçar, o não fará senão pelos meios ordinários, sem usar violencia alguma e será obrigado a cultivas e povoar nas ditas terras, & na mesma forma que os outros com data de 22 de Dezembro de a713. O secret<sup>r</sup> Manoel de Affonso a fez escrever.*

*Dom Braz Baltazar da Silveira.*

*(Extraído da Revista do arquivo Público mineiro, ano IV. Fascículo I e II de Janeiro a Julho de 1890. p 156) Apud Assis Vicente de Paulo – Curato de Suassuhy – Origens – Famílias.*

O nome do lugar foi tomado emprestado do ribeiro que corria na região, Suaçuhy, que, segundo relato de autores é derivado das palavras índias çuaçu, cervo grande, e hi, água ou rio (Arthur Álvares de Alcântara Campos e outros) resultando, sua compreensão, em “aguada de cervos”. Há que ser objeto de pesquisa o nome do padroeiro agregado ao de Suaçuí. No nosso

entendimento, a hipótese razoável de uma homenagem ao governador Dom Brás Baltazar da Silveira ainda carece de maior verificação. Pertencia, em sua origem, a freguesia de Congonhas do Campo e por decreto, a 14 de julho de 1832, foi desmembrado e anexado ao Brumado (hoje Entre Rios de Minas), que por esse decreto foi elevado a freguesia.

Pode-se inferir que o nascimento da povoação do local, na região que se chamava “o sertão dos cataguás”, ocorre antes, ao final do século XVII, quando as entradas e bandeiras vindas de São Paulo com vistas à descoberta e conquista das riquezas de Minas.

Com base nos dados levantados por Raimundo José da Cunha Matos, em sua “Corografia Histórica da Província de Minas Gerais” (1837), no título II - Quadro III, transcrevemos a tabela abaixo. Observe-se que a população de Suaçuí ocupa o segundo lugar em relação , não só aos arraiais, mas também aos distritos de Queluz (Conselheiro Lafaiete), Congonhas e Itaverava.

### Resumo Estatístico do Termo de Queluz

<b>Distritos Arraiais</b>	Distância ao Termo (léguas)	Distância à Paróquia (léguas)	Casas	Fogos	Almas	Almas/Fogos
<b>QUELUZ</b>	<b>RJ 70</b>	<b>Ouro Preto 10</b>	<b>144</b>	<b>213</b>	<b>1.266</b>	<b>5,9</b>
S. Gonçalo		1,25		51	537	10,5
S. Amaro		3		99	832	8,4
S. Caetano do Paraopeba		3		69	454	6,6
Carandaí		6		20	245	12,3
Glória		5		85	801	9,4
Dores		7		128	717	5,6
M. Chapéu		3		91	831	9,1
<b>CONGONHAS DO CAMPO</b>	<b>9</b>		<b>134</b>	<b>218</b>	<b>1.112</b>	<b>5,1</b>
<u>Suaçuí</u>	<u>4</u>	<u>3</u>		<u>256</u>	<u>1.619</u>	<u>6,3</u>
Redondo	3	1		126	779	6,2
S. Gonçalo da Ponte	10	6		48	400	8,3
S. Cruz do Salto	7	4		55	622	11,3
Santana Paraopeba	11	7		89	954	10,7
Bonfim	14	10		158	1.216	7,7
Conceição do Pará	20	20		37	417	11,3
Rio do Peixe	16	15		132	970	7,3
Piedade dos Gerais	12	10		134	673	5,0
Dores Piedade	11	10		165	856	5,2
Brumado	6	6		132	1.235	9,4
Pedra Branca	9	9		81	679	8,4
Conquistas	18	15		89	581	6,5
<b>ITAVERAVA</b>	<b>4</b>	<b>-</b>	<b>93</b>	<b>229</b>	<b>1.946</b>	<b>8,5</b>
Catas Altas da Noruega	7,5	2,3		105	885	8,7
S. Francisco	7,5	2,5		136	978	7,2
S. Gonçalo	7	2,5		130	632	4,9
Piranguinha	6,5	3,5		170	817	4,8

Lamim	10	6,5	108	792	7,3
-------	----	-----	-----	-----	-----

Minas começa com suas cidades e seu comércio, uma economia citadina e mercantilista ao invés de agrária e rural. São Brás do Suaçuí, não foi exceção. Embora voltada também para a área rural, a cidade era o núcleo principal de sua cultura. Ao invés dos Coronéis com seus engenhos e suas exportações de açúcar, aqui a configuração era outra: fazendeiros e comerciantes lidavam com produtos diversificados, tais como o milho, o feijão e algodão, seus mercados eram as próprias cidades, notadamente, Vila Rica, Mariana e Sabará. O Barão de Eschwege, no seu livro “Brasil, Novo Mundo” (Brasilien, die neue welt) afirmou que a região do Vale do Paraopeba poderia ser denominada de celeiro de Vila Rica, pois a população dessa vila dela tira tudo que necessita para alimentar-se. Nesse contexto, e nesse vale do Paraopeba manteve-se a cidade de São Brás do Suaçuí como centro produtor, e também comerciante, não só pela sua localização, mas também através de seus tropeiros, profissão essa tão comum até a época de nossos ancestrais mais próximos.

O mercado era promissor, e em terra que se produz ouro, as mercadorias também valem ouro. André João Antonil, no seu livro “Cultura e Opulência do Brasil” afirma que os lucros não eram somente grandes mas excessivos. Isto pode ser comprovado pelas cotações de preços levantados no ano de 1703 pelo próprio Antonil, no mesmo livro. Escolhendo alguns produtos de sua lista e calculando que uma oitava de ouro tenha exatamente a oitava parte de uma onça (31,105 gramas). Temos:

### **Preços levantados por Antonil no ano de 1.703**

Mercadoria	Preço em oitavas de Ouro	Preço em onças	Preço em gramas de ouro
Uma rês	80	10	311
Um boi	100	12,5	389
Mão 60 espigas de milho	30	3,75	117
Um saco de farinha de mandioca	40	5	155
Seis bolos de farinha de milho	3	0,38	12
Uma galinha	3 a 4	0,5	12 a 16

# Bibliografia

- Antonil, André João. **Cultura e Opulência do Brasil** (João Antônio Andreoni), S.J.); texto confrontado com o da edição de 1711). Belo Horizonte: Editora Itatiaia.
- Antonil, André João. **Cultura e Opulência do Brasil** (João Antônio Andreoni), S.J.) - 1711; Biblioteca Nacional, Biblioteca digitalizada, obras originais, digitalizadas. [www.bn.br](http://www.bn.br)
- Assis, Vicente de Paulo. **Curato de Suassuhy; Origens - Famílias** / Vicente de Paulo Assis. Print - Editoração Eletrônica Ltda; Ivana - Gráfica Editora Ltda. Belo Horizonte, 1994.
- Bandeira, Manoel. **Guia de Ouro Preto**/Manoel Bandeira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- Barbosa, Waldemar de Almeida. **Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais** / Waldemar de Almeida Barbosa. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1995.
- Brito, Francisco Tavares de. **Itinerário Geográfico com a verdadeira descrição dos caminhos, estradas, roças, sítios, povoações, lugares, vilas, rios, montes e serras, que há da cidade do Rio de Janeiro até as Minas do Ouro**/Francisco Tavares de Brito - Sevilha - Na oficina de Antônio da Silva, - 1732 26 pags. Biblioteca Nacional, Biblioteca digitalizada, obras originais, digitalizadas. [www.bn.br](http://www.bn.br)
- Bunbury, Charles James Fox, 1808-1866. **Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais: 1833-1835** / Charles James Fox Bunbury. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981.
- Burton, Richard Francis, 1821-1890. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho** / Richard Burton. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.
- Del Priore, Mary. **O livro de ouro da História do Brasil** / Mary Del Priore e Renato Venâncio. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- Eschwege, Wilhelm Ludwig von, 1777-1855. **Brasil, novo mundo** /W. L. von Eschwege. Tradução de: **Brasilien, die neue Welt**. Fundação João Pinheiro. Belo Horizonte,1996
- Lima Júnior, Augusto de. **A Capitania das Minas Gerais** / Augusto de Lima Júnior. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978.
- Luccock, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil** / John Luccock. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- Matos, Raimundo José da Cunha, 1776-1839. **Corografia histórica da Província de Minas Gerais (1837)** / Raimundo José da Cunha Matos - Belo Horizonte : Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981.
- Ribas, Marcos Caetano. **A história do caminho do ouro em Paraty**/Marcos Caetano Ribas. Paraty: Contest Produções Culturais, 2003.

- Saint-Hilaire, Auguste de. **Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil.** / Auguste de Saint-Hilaire. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- Santos, Márcio. **As estradas reais: introdução ao estudo dos caminhos do ouro e do diamante no Brasil** / Marcio Santos. Belo Horizonte: Estrada Real, 2001.
- Souza, Otávio Tarquínio de, 1889-1959. **A vida de Dom Pedro I.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1988.
- Trindade, Cônego Raymundo Octavio. **Archidiocese de Mariana.** Subsídios para a sua historia. Cônego Raymundo Trindade / Escolas Proficionaes do Lyceu Coração de Jesus. São Paulo, 1929
- Trindade, Flaviano Pereira, **Dados Genealógicos & Documentos de Família.** Mimeo. Brasília (DF). 1997.
- Trindade, Flaviano Pereira, **São Brás do Suaçuí no aniversário de sua Emancipação: muita história para contar desde um tempo tão distante.** Flaviano Pereira Trindade / Jornal Correio de Minas 14.12.2001 pp 8 e 9. Entre Rios de Minas, 2001
- Veiga, José Pedro Xavier da. **Ephemérides Mineiras (1664 - 1897) Volume IV** / José Pedro Xavier da Veiga. Imprensa Official do Estado de Minas. Ouro Preto, 1897.
- Walsh, Robert, séc XIX. **Notícias do Brasil** / R. Walsh. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.